

APRESENTAÇÃO

Eleonora Ziller Camenietzki

O que é relevante é o apetite por imagens da história e do passado em uma época em que o sentido da história sofreu tamanha atrofia que nem o passado nem o futuro tem para nós, hoje em dia, a urgência e a pertinência que tinham nos séculos XIX e XX. Tais imagens nostálgicas são uma tentativa desesperada de alimentar esse anseio, mesmo com materiais espúrios.

Fredric Jameson

Há muito tempo que o ponto de partida para uma discussão sobre Literatura e História se sustenta na conhecida definição aristotélica que distingue a poesia da história, ressaltando a dimensão filosófica da primeira (pois enuncia verdades gerais), em detrimento da segunda (restrita a relatos de fatos particulares). Séculos foram percorridos e a questão parece irresolvida, ou pelo menos ainda carrega uma boa munição para alimentar os debates acadêmicos. Propor que Literatura seja uma escrita imaginativa ou ficcional em oposição a uma concepção de História que seja a escrita dos fatos parece-nos hoje tão insuficiente quanto impreciso, mas, para o uso comum, confirma uma definição geral que toma a literatura como uma forma de expressão do que é imaginado e a história como a expressão no âmbito daquilo que foi socialmente vivido, experimentado.

A separação entre os campos das artes e das ciências é uma construção relativamente recente. A identificação da literatura como um reduto estrito da prática artística, como beletrismo ou apenas como escrita estética e a constituição de um estatuto científico reservado à história, trouxe junto consigo a constituição de cadeiras e disciplinas acadêmicas que delimitaram objetos e práticas discursivas, mas não deram conta de resolver a questão de fundo. Verdade e ficção, fato e versão, documento ou monumento, sejam quais forem os termos do debate, as fronteiras entre literatura e história ora se esgarçam, ora recrudescem, e o modo de tratar essas tensões dá forma a

questões de fundo epistemológico, filosófico, político que animam os círculos acadêmicos. Pensar os lugares da literatura e da história significa pensar os modos predominantes da nossa sociedade se ver e se contar. E o desafio para compreendermos os modos de figuração do passado permanece em cena, até porque o que eles encenam nada mais é que o presente, este mesmo que vivemos e do qual fazemos parte, gostemos ou não disso.

No século XIX, exatamente quando os campos do saber pareciam definitivamente distintos, quando a estética e a ciência estão com seus territórios construídos, populariza-se uma forma particular de romance que ficou conhecido como romance histórico, em que destino individual de personagens fictícias e processo histórico fundem-se num entrecho que leva seus leitores para outros tempos, em geral um heróico passado nacional. Sir Walter Scott é a referência clássica para a caracterização do gênero (ou subgênero, como querem alguns) assim como o estudo de Lukács, *O romance histórico*, da década de 1930. Precursor do grande realismo europeu ou subgênero de entretenimento e aventura? Melodrama, drama de costumes, forma progressista, engajamento político, ainda se sustenta uma definição de romance histórico para o que é praticado hoje?

Alejo Carpentier e José Saramago são referências quase obrigatórias quando se trata de discutir a permanência e as mutações que o romance histórico teria sofrido ao longo do século XX. E, no Brasil, João Ubaldo Ribeiro, com *Viva o povo brasileiro*. As peças em jogo não se restringem a um debate entre a crítica literária sobre o afã classificatório deste ou daquele gênero, nem mesmo sobre determinado nicho do mercado editorial, uma vez que proliferam os modelos “histórico-jornalísticos” de entretenimento. São modos de pensar a história, os indivíduos e suas ações que movimentam o tabuleiro. Em síntese, estão em jogo consciência política e processo social. Se no século XIX o nacionalismo romântico e o fortalecimento dos estados nacionais eram os movimentos principais, Perry Anderson acentua:

O persistente pano de fundo da ficção histórica do período pós-moderno está nos antípodas de suas formas clássicas. Não a emergência da nação, mas as devastações do império; não o progresso como emancipação, mas a catástrofe iminente ou consumada. Em termos joycianos, a história como um pesadelo do qual ainda não conseguimos despertar (ANDERSON 2007: 205).

Então qual seria o aproveitamento que ainda se pode fazer das reflexões lukacsianas? É a própria historicidade das formas literárias tão fortemente

defendida pelo próprio Lukács, que coloca em xeque as suas formulações. “Mudam-se os tempos/ mudam-se as vontades”, diria o poeta. O debate protagonizado por Fredric Jameson e Perry Anderson, publicado em março de 2007 no número 77 da revista *Novos Estudos* do CEBRAP, atesta a vitalidade do tema. Parece que ainda não chegou a hora do fim da história, o jogo recomeça a cada dia.

Entretanto, ao invés de se debruçar exaustivamente sobre o debate contemporâneo acerca das distinções e semelhanças conceituais em torno da literatura e da história, este número da revista *Terceira Margem* reúne trabalhos que são práticas interpretativas que operam no campo de interseção entre a literatura e a história, pensando-as de modo indissociável.

O primeiro grupo de textos, *Literatura e História: investigações teórico-críticas*, reúne trabalhos de crítica literária *stricto sensu*, em que a matéria histórica é investigada em sua figuração literária. No primeiro artigo, Sandra Guardini faz um estudo do processo de apropriação do romance histórico oitocentista por José Alencar. A referência clássica a Sir Walter Scott e a análise lukacsiana do romance histórico são o ponto de partida para pensar como se dá a passagem dessa forma romanesca, que atravessa o Atlântico após diversas traduções, recriações e adaptações na Europa e a sua necessária aclimação à matéria brasileira pelo escritor cearense. Ainda girando em torno do século XIX, o artigo seguinte, de Fernando Gil, aponta para o arranjo ficcional de três romances, *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, *Dona Guidinha do Poço* (1892), de Manuel de Oliveira Paiva, e *Luzia-homem* (1903), de Domingos Olímpio, em que “o horizonte simbólico posto é o patriarcal com toda a constelação de valores e relações sociais que devem ser investigados de modo que se possa recuperar o sentido da experiência social de Isaura, Guidinha e Luzia”. Como se dão os impasses e as contradições dessas posições para a fatura da obra? Embora alcancem resultados estéticos diversos, como se configuram as relações de dependência, favor e mandonismo nessas histórias cujo trânsito ocorre entre o campo e a cidade? Se aqui se trata de pensar a especificidade da matéria brasileira, no terceiro e último artigo deste primeiro bloco, é a sociedade contemporânea que está em jogo, onde Ronaldo Lima Lins faz um apanhado histórico-filosófico para discutir o eterno presente da sociedade de consumo, tendo Paul Auster e Coetzee como referências literárias principais.

O segundo grupo de textos, intitulado *História, literatura, cultura: as interpretações do Brasil*, é composto pelo sentido inverso do primeiro e reúne trabalhos de historiadores que investigam as interpretações sobre o passado

colonial do Brasil na literatura e como estas agenciam as percepções sobre o presente. Os artigos foram originados de um curso de pós-graduação que reuniu estudantes e professores de história e literatura, tendo como foco de estudos o período colonial, mais especificamente, o século XVII. No primeiro artigo, Carlos Ziller, discute a difusa idéia de “colonização” do Brasil pelos portugueses, e será a partir de uma das obras mais conhecidas de Alfredo Bosi, *Dialética da colonização*, que sua polêmica se instalará.

Os artigos seguintes são de mestrandos em História cujo maior mérito é o de manter aceso o desejo pelo debate franco e o gosto pela polêmica, desafiando o coro dos contentes e com a disposição de nadar contra a corrente. Assim, Daniel Carvalho, Daniel Saraiva e Rodrigo Araújo analisam respectivamente os romances *O livro dos hereges* e *Van Dorth*, de Aydano Roriz, *Boca do Inferno* de Ana Miranda e *Era no tempo do rei*, de Ruy Castro.

O terceiro grupo reúne textos sobre poesia, *A História nas tramas da poesia*. No primeiro artigo, Homero Araújo se debruça sobre “Morte das casas de Ouro Preto”, de Drummond, poema de evocação histórica, publicado em 1951 em *Claro enigma*. Herança colonial, balanço do passado mineiro sem saudosismos em que a precariedade e a transitoriedade superam qualquer impulso heróico ou patriótico. Ainda com Carlos Drummond de Andrade, o artigo de Paulo Maia, doutorando em teoria literária, estuda dois poemas de *Sentimento do mundo* e *Rosa do povo*, livros anteriores a *Claro enigma* e que são conhecidos por representar a produção mais “comprometida” do poeta. História e conformismo, poesia e resistência em “Os mortos de sobrecasaca” e “Retratos de família”. O último artigo, de Bruno Rabello, estudante de graduação, é um primeiro exercício de pesquisa, motivado por sua participação como ouvinte no curso de mestrado sobre literatura e história. Objeto de estudo de sua Iniciação Científica, a poesia de João Cabral de Melo Neto é aqui estudada em sua vertente histórica, *Auto do frade*, que narra a execução de Frei Caneca, um dos líderes da Confederação do Equador, de 1824.

O núcleo principal de artigos desta revista nasceu de um curso de mestrado da pós-graduação, portanto de uma proposta pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Inicialmente foi pensado quase como uma brincadeira, um curso “Camenietzki-Camenietzki”, pois seria dado por mim e pelo professor Carlos Ziller Camenietzki (por acaso, meu irmão e professor do Programa de Pós-Graduação em História Social). Das muitas discussões que travamos ao longo de anos, encontramos uma ementa que fosse capaz de reunir nossos interesses: inves-

tigar os romances históricos brasileiros contemporâneos que se ocupassem do século XVII. O curso, também oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em História Social, reuniu um grupo de estudantes bastante diversificado. A turma era composta por três alunos do mestrado em História, dois de Letras, e três ouvintes: dois alunos de graduação e um professor de história do ensino fundamental que estava interessado em voltar a estudar e acompanhou os trabalhos. Daria uma publicação à parte a narrativa dos debates ocorridos em sala de aula. Aliás, seria antes de tudo muito divertida. Tão próximos e tão distantes: a imagem é um tanto óbvia, porém é capaz de expressar com exatidão as dificuldades iniciais para o desenrolar do curso.

A experiência interdisciplinar, tão propalada em manifestos e programas educacionais avançados e a já exaustiva crítica à separação artificial das disciplinas das chamadas “humanidades”, embora facilmente enunciadas, exigem um patamar mínimo de estudos comuns consolidados, sem o qual não há possibilidade de diálogo produtivo. Ao mesmo tempo, toda e qualquer forma de pensamento é enriquecida se permeada pela contribuição de diversas áreas de saber. Só que integrar universos teórico-metodológicos distintos não é como percorrer as estantes das bibliotecas como se fossem galerias de um supermercado, onde há um carrinho capaz de comportar todos os produtos, sejam eles de que prateleira for. Em nome da celebração da heterodoxia e de certa “rebeldia” epistemológica abandona-se o compromisso com a investigação criteriosa.

O curso, neste sentido, foi um rico aprendizado para todos nós. O caminho nos pareceu correto: só temos a ganhar ao superar os muros tão ciosamente erigidos pelas forças conservadoras. Mas há que se construírem pontes, mesmo que elas nos exijam um esforço maior. O resultado pode-se avaliar nos trabalhos aqui apresentados.

Nada disso seria possível se não fosse a generosidade e o estímulo do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Recém-concursada, recebi da Coordenação a incumbência de organizar este número da revista e pude dar a ele o formato que desejei. Não conheço forma mais democrática e produtiva de dar as boas-vindas a um professor que chega disposto a trabalhar. Implica, claro, em uma grande dose de confiança que em mim foi depositada. Sou profundamente grata aos meus colegas, e em especial a Vera Lins, que como Coordenadora teve uma paciência desmedida com as minhas dificuldades iniciais. Espero não lhes ter decepcionado nesta primeira empreitada, pois aqui busquei dar prosseguimento à formação que recebi quando fui aluna deste Programa.